



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III/ GUARABIRA, PB
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOANNE NAELLY DA SILVA PEREIRA

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: OS DESAFIOS DA REGÊNCIA NAS
OFICINAS-PEDAGÓGICAS DO EJA

Guarabira/PB

2014

JOANNE NAELLY DA SILVA PEREIRA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO: OS DESAFIOS DA REGÊNCIA NAS OFICINAS-
PEDAGÓGICAS DO EJA**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como exigência para obtenção do título de Graduada em História.

Orientador: Prof^o Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto

Guarabira/PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P426e Pereira, Joanne Naelly da Silva

Estágio supervisionado: [manuscrito] : os desafios da regência nas oficinas-pedagógicas do EJA / Joanne Naelly Da Silva Pereira. - 2014.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Martinho guedes dos santos neto, Departamento de história".

1. Estágio supervisionado. 2. Regência. 3. Educação de Jovens e Adultos. I. Título.

21. ed. CDD 370

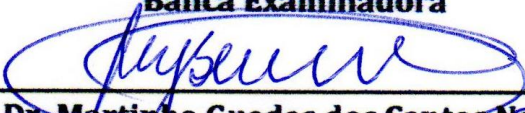
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III/ GUARABIRA, PB
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Estágio Supervisionado: Os desafios da regência nas oficinas-pedagógicas do EJA

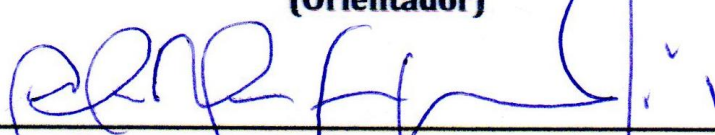
Joanne Naelly da Silva Pereira

Aprovada em 03 de Dezembro de 2014

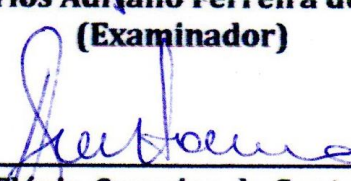
Banca Examinadora



Prof.º Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto - UEPB
(Orientador)



Prof.º Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima - UEPB
(Examinador)



Prof.º Dr. Flávio Carreiro de Santana - UEPB
(Examinador)

Guarabira/PB

2014

AGRADECIMENTOS

À minha avó paterna, minha amada D. Maria guerreira, inspiração dos meus dias.

“Quem tem Deus como império no mundo não está sozinho...”.

(Marisa Monte)

Familiares, amigos, professores, colegas, muitos foram aqueles que me ajudaram nessa caminhada, e como não lembrar e agradecer a todos pelo carinho, atenção e paciência que tiveram comigo no perdurar destes mais de cinco anos de grandes e apaixonantes descobertas históricas na UEPB?!

A caminhada até aqui foi bastante longa, passei por lindos dias de luz, inúmeros outros de escuridão, as pedras no caminho também não foram poucas, nem pequenas, mas a vontade de vencer prevaleceu e sempre foi maior que a vontade de desistir. Nessa jornada entrou e adentrou gente de todo tipo. Gente que me angustiou, mais incontáveis outras que me deixaram com um sorriso de canto a canto. As vitórias foram das mais diversas, no intelectual, profissional, pessoal, sentimental. Sou imensamente grata por todas as bem-aventuranças que me advieram dessa apaixonante jornada histórica.

Por tudo e por tanto quero agradecer a Deus por mais essa oportunidade de vibrar, comemorar e colher os frutos dos meus esforços durante a vida acadêmica. Sei que aqui não é o final, “grandes coisas estão por vir” e eu vou abraça-las com toda vontade de crescer e aprender cada vez mais o ofício do historiador.

Agradeço a minha família! A mãe Marizete e a meu pai Valmir, muito obrigado pelo dom da vida, sem vocês nada disso seria possível. Minhas irmãs Francly e Laine e minhas sobrinhas Ayssa, Luisa e Helena pelo afeto peculiar de uma casa de sete mulheres. Meus avós paternos Maria e Miguel e minha tia avó Nice, muito feliz e imensamente grata estou por todo apoio a mim dedicado. Padre Assis Inácio, Deus sabe a importância de sua existência em minha vida, obrigada por sempre acreditar, incentivar e impulsionar minha vida rumo ao sucesso.

Amigos, os amo! Deus nos abençoe nos caminhos que escolhemos, trilhamos diferente, mas nos encontraremos lá na frente para juntos comemorarmos todas as coisas boas pelas quais lutamos e conquistamos. Duda, Eugenia, Felipe, Gal, Dudu, Lucas, Tarcy, Érico, Ítallo, Mary, Rufino, Lidiane, Irajane, Jackson Cícero muito obrigada por toda paciência que tiveram comigo, sei que não sou uma pessoa fácil. Com vocês meus dias são mais felizes!

Muito obrigada também ao meu tão amado “Quarteto fantástico e o surfista prateado”, Manasses, Ronny, Raquel e Suzy, vocês sempre me encorajaram na caminhada, sempre me deram a força e a alegria que precisava para não ficar no meio do caminho. Como nossas noites históricas eram proveitosas, como aprendemos juntos, que bom que somos amigos!

Aos meus amigos do PIBID Sandeilson, Aline, Tania e Renata sou muito grata pela farta experiência profissional que este projeto nos proporcionou, juntos descobrimos o quão gratificante pode ser a profissão a qual escolhemos, somos professores. Fernando e Jackson Bezerra como fui feliz nos nossos momentos de luta por uma UEPB melhor para todos, tenho orgulho de tê-los como companheiros de luta, de vida e de grandes vitórias.

Meus queridos professores e professoras, meu orientador Martinho Guedes agradeço por todo o saber a mim transmitido, graças a vocês e a história me tornei um ser humano melhor, com olhar crítico social e formador de opinião operante nesse mundo de tantas desigualdades. Vocês me formaram para revolucionar, me fizeram feminista e disso tenho imenso orgulho. Muito obrigada por tudo. Vocês me inspiram!

Edna, muito obrigada por seu carinho, ele foi de primordial importância para o fechamento deste ciclo, você mais que qualquer outro dividiu comigo o percalços dos últimos meses, sou muito grata por sua existência em minha vida.

Por fim, agradeço à HISTÓRIA, pelas noites/ madrugadas prazerosas de leitura, pelas discussões acaloradas em sala de aula, por todo aprendizado a mim proporcionado. Que me venham novas descobertas, que me cheguem novas Histórias!

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: OS DESAFIOS DA REGÊNCIA NAS OFICINAS- PEDAGÓGICAS DO EJA

Joanne Naelly da Silva Pereira

RESUMO

O presente texto tem por objetivo apresentar algumas ideias, expor alguns questionamentos e apresentar algumas das atividades que foram elaboradas e executadas no decorrer do processo de estágio docente, tendo em vista que, o estágio se constitui como uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9394/96) para formação dos profissionais docentes. Para os fins da discussão desse texto, o nosso campo de atuação foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo no município de Guarabira – PB, nas noites de quinta-feira, nas primeiras horas aula das 18h30min às 19h30min, de Abril a Maio de 2012, local ao qual meus colegas Manasses Freitas Cabral e Camila Farias juntamente comigo estagiamos. Na referida escola funcionam tanto o ensino fundamental, quanto ensino médio, estagiamos na turma do 1º ano C (EJA) noturno, cuja composição discente foi contabilizada em aproximadamente 15 alunos, entre homens e mulheres na faixa etária dos quarenta anos.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Regência, Educação de Jovens e Adultos.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	8
2	O PROCESSO DA REGÊNCIA: A SALA DE AULA	9
3	EFETIVANDO A OFICINA	12
4	RELAÇÃO – ESTÁGIARIOS, ESCOLA, ALUNOS E PROFESSOR REGENTE	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
	REFERÊNCIAS	19
	ANEXO	21
	MAPA CONCEITUAL	22

Estágio Supervisionado: Os desafios da regência nas oficinas-pedagógicas do EJA

Joanne Naelly da Silva Pereira

1 APRESENTAÇÃO

O presente texto tem por objetivo apresentar algumas ideias, expor alguns questionamentos e apresentar algumas das atividades que foram elaboradas e executadas no decorrer do processo de estágio docente, tendo em vista que, o estágio se constitui como uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9394/96)¹ para formação dos profissionais docentes.

Para os fins da discussão desse texto, o nosso campo de atuação foi o a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo no município de Guarabira – PB, nas noites de quinta-feira, nas primeiras horas aula das 18h30min às 19h30min, de Abril a Maio de 2012, local ao qual meus colegas Manasses Freitas Cabral e Camila Farias juntamente comigo estagiamos. Na referida escola funcionam tanto o ensino fundamental, quanto ensino médio, estagiamos na turma do 1º ano C (EJA)² noturno, cuja composição discente foi contabilizada em aproximadamente 15 alunos, entre homens e mulheres na faixa etária dos quarenta anos.

As nossas atividades foram pensadas de modo a objetivar a discussão/compreensão de algumas temáticas debatidas e planejadas pelo professor regente para o ensino da disciplina de História. A nossa ideia era incentivar a comunicação do conhecimento histórico à uma reflexão e possível discussão, acerca dos conteúdos históricos propostos pelo professor regente do 1º ano C (EJA).

Essa nossa proposta foi impulsionada pela constatação de que não existia um planejamento cuidadoso e com objetivos claros para a disciplina, fato que nos fez perceber que o ensino de história para essa turma do 1º ano C (EJA), havia se tornado “extasiado”, sem grandes mudanças com o passar do tempo e, de certa forma panfletária³, principalmente

¹ Promulgada em 20 de dezembro de 1996, nela encontramos os princípios gerais da educação, bem como as finalidades, recursos financeiros e a formação de diretrizes para a carreira dos profissionais da educação.

² Educação de Jovens e Adultos, no espaço escolar é um forte componente educacional, social e político voltado para a peculiaridade de grupos heterogêneos com faixa etária e culturas diversas. (Loch 2010, p. 21).

³ SANTOS, Jucian Sousa Santos. **Educação e Diversidade. Ensino Médio Paraíba**. Rev. História Ciências Humanas e sua tecnologias. Módulo I. Soler Edições Pedagógicas LTDA.

quando nos referimos à metodologia de ensino utilizada pelo professor na transmissão dos conteúdos. Essas questões metodológicas nos fizeram perceber o quanto a teoria difere da prática; a regência havia, portanto, construído uma relação distanciada entre o professor e os alunos, principalmente no que se refere a interação dos mesmos durante a aula.

Para enriquecer nossa proposta tivemos que nos adequar à realidade da escola, assim, no decorrer do processo de estágio utilizamos algumas metodologias de ensino, como aulas expositivas, esquematizadas e discussões feitas partindo da explicação dos conteúdos, já que quando estivemos na regência nos deparamos com situações diversas, cuja perspectiva foi a de estabelecer algumas ações de “quebrar” metodológico/didático para os conteúdos que deveríamos explanar na sala de aula. Desse modo buscamos aproximarmo-nos dos alunos, conduzindo-os a uma perspectiva de melhor aprendizagem em história, desvencilhando-se da falta de atenção, desmotivação e baixo rendimento que repercute nas avaliações.

Ainda de modo mais ampliado, esse texto traz uma discussão, que não pretende ser finalizada, mas, apresentada para uma primeira análise, acerca do estabelecimento das relações entre o professor regente, os alunos do 1º ano EJA e interação desse conjunto com os estagiários.

2 O PROCESSO DA REGÊNCIA: A SALA DE AULA

Na primeira etapa desse procedimento, tivemos aulas com o nosso orientador, referentes ao estágio, a escola e a série a qual o mesmo seria realizado. Em seguida ocorreram duas reuniões no auditório da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, com as professoras Mariângela de Vasconcelos Nunes, Luciana Calisse, Marisa Tayra Teruya, juntamente com Flávio Carreiro nosso professor na regência, estes apresentarão as propostas para o estágio, assim como o cuidado e as regras as quais deveríamos seguir, seja em campo de ensino, seja na elaboração do trabalho em discussão.

No decorrer da minha formação a primeira experiência com a sala de aula se deu por meio de oficinas didáticas, cujo objetivo era delinear uma atividade de docência nas escolas, sem necessariamente se constituir como regência de conteúdo, mas, aventando a possibilidade de sermos apresentados a escola e ao ambiente escolar. As oficinas, para minha formação, haviam se configurado como o início de um processo de planejamento didático e de contato com a sala de aula.

É válido salientar que, a educação mostra-se transversal no espaço escolar, às disciplinas se entrelaçam, disponibilizando ao professor formas e fórmulas diversas para conseguir a atenção e aprendizagem do aluno. A sala de aula, no atual desenho institucional/educativo, é o local de troca de informações e conhecimentos, o professor deixou o autoritarismo cartesiano, pela conversação e o aguçamento crítico de seus discentes. A didática de ensino explanada pelas oficinas do Estágio Supervisionado permitiu um melhor entrosamento entre docente e discentes e o assunto a ser estudado. Nisso a “oficina é um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilibrações que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer.” (CUBERES 1989, p. 3).

Na prática escolar, a partir das oficinas no campo do Estágio, permite ao estagiário fazer uso da interdisciplinaridade, de modo a aguçar o pensamento crítico e discursivo do aluno e dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, estimulando o engajamento criativo dos partícipes da mesma, seja ele aluno, estagiário, professor. Assim, logo entendemos que as oficinas proporcionam o devido espaço, para aprender com dinamismo, causando cumplicidade, troca e construção de conhecimento entre os membros que a compõe.

Percebe-se, portanto, que a aprendizagem não se configura por uma determinação quantitativa de horas que o educando permanece na escola, mas pela capacidade de interação e estímulo à curiosidade que com ele dialogamos. Para o século XXI fica evidente a busca por uma educação com olhos fixos nas formas que disponibilizam aos alunos a autonomia, a construção participativa do conhecimento e a aproximação dos assuntos. Algo que consideramos como finalidade didática para a estruturação do conhecimento na sala de aula, sem que, necessariamente, tenhamos que promover o conhecimento por um amontoado crescente de conteúdos.

Durante nossas aulas na universidade, nos foi evidenciado e esclarecido que as oficinas pedagógicas elaboradas para a sala de aula devem estar carregadas de seriedade e da necessidade de criar um espaço no campo de ensino que proporcione vivência, reflexão e comunicação do conhecimento e mais, que os métodos usados na mesma, para além de um lugar onde se aprende a entender, parte do pressuposto de que se deve aprender a pensar, sentir, investigar, problematizar, fazer intercambio das ideias, as indagando. Problematizando essa ideia de um ambiente de ensino aprendizagem onde se faz estímulo à reflexão e a comunicação do conhecimento, a “oficina é um sistema de ensino aprendizagem que abre

novas possibilidades quanto à troca de relações, funções, papéis entre educadores e educandos” (SCHULZ, 1991, p. 10). Assim, ao planejarmos a oficina pedagógica, devemos estar atentos à ideia de que as questões científicas e metodológicas não podem deixar inércia à prática. Nesse caso a precedência sempre é a da ação, não se desvencilhando, nem desmerecendo a teoria. Logo, não podemos cometer o erro de organizar a oficina como um ambiente onde qualquer pessoa absorve conhecimento, sem o mínimo de embasamento teórico metodológico.

Tais considerações nos foram pertinentes quando percebemos que a docência se configura como o exercício prático do nosso embasamento teórico e metodológico, ou seja, se pretendemos que a aula seja um espaço de investigação e fomentação de conhecimento, devemos entender que, tal conhecimento não se processa apenas como narrativa do que aconteceu – no caso das aulas de história, mas, com a possibilidade de vislumbrar um arcabouço teórico-metodológico que permita discutirmos os conteúdos sem o exclusivismo narrativo, apresentando eixos e possibilidades de interpretações, de lugares sociais e de sujeitos nos mais variados conjuntos estruturais da sociedade.

Como foi mencionado anteriormente, nossa primeira experiência com a sala de aula, foi no momento das oficinas pedagógicas, em que fizemos uso da prática e da teoria; durante seis semanas ministramos os conteúdos propostos pela ementa escolar e pelo professor regente, que por sua vez, nos observou e nos permitiu a prática do ensino em sua sala de aula. Em uma oficina de ensino, a teoria se apresenta como necessidade para esclarecer o que será posto em prática, partindo dessa premissa, os conteúdos ministrados foram: *As Antigas Civilizações, Egito, Mesopotâmia e Fenícia*, conteúdos que compunham o módulo I da ementa⁴ para o ensino do da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e que seguindo a cronologia das aulas nos foi indicado pelo professor.

Em nossas discussões acadêmicas a cerca da temática, ficou claro que para uma boa aplicação dos conteúdos é de fundamental importância um planejamento bem elaborado, com versatilidade e propostas diversas, sempre atentando às eventualidades. Para Regina Barros Leal o planejamento é:

⁴ A explanação dos conteúdos para o ensino do EJA se configuram em módulos organizados em revistas educativas para o ensino médio nas suas respectivas disciplinas.

“O planejamento é um processo que exige organização, sistematização, previsão, decisão e outros aspectos na pretensão de garantir a eficiência e eficácia de uma ação, quer seja em um nível micro, quer seja no nível macro. O processo de planejamento está inserido em vários setores da vida social: planejamento urbano, planejamento econômico, planejamento habitacional, planejamento familiar, entre outros. Do ponto de vista educacional, o planejamento é um ato político-pedagógico porque revela intenções e a intencionalidade, expõe o que se deseja realizar e o que se pretende atingir”. (LEAL 2005, p. 1)

A regência propriamente dita, com o recurso das oficinas pedagógicas foi iniciada com a preparação das aulas, baseando-se em um exemplar de leitura histórica proposto pelo professor regente da classe, e em livros didáticos que continham os assuntos anteriormente citados, para que desse modo à transmissão do conhecimento ficasse o mais compreensível possível. Na preocupação de montar uma aula de fácil absorção dos assuntos em discussão nos aguerimos de um esquema que seguiu a conceituação de Ruiz, definido como: “o plano, a linha diretriz seguida pelo autor no desenvolvimento de seu escrito; esse plano delimita um tema e estabelece a trajetória básica de sua apresentação, subordinando ideias, selecionando fatos e argumentos” (RUIZ 1982, p. 43).

3 EFETIVANDO A OFICINA

Utilizamos um esquema escrito na lousa em forma de mapa textual de modo a interligar os acontecimentos cronologicamente para facilitar o acompanhamento e captação por parte dos alunos ao tema proposto para nossa primeira oficina que no caso fora As Antigas Civilizações: Egito. Na ocasião percebemos que os alunos estavam acostumados a sempre escrever tudo o que era colocado no quadro, ainda que os rabiscos feitos na lousa não tivessem sequência, desse modo a partir do esquema, que servira como guia para nós estagiários e roteiro de estudo para os discentes, começamos nossa regência.

Não tivemos aulas de observação, mas mediante breve conversa com o professor de história do 1º ano C (EJA) noturno percebemos que o mesmo apenas utilizava os conteúdos propostos pelo livro didático, ou melhor, exemplificando, uma revista específica para o ensino

do EJA⁵, o método usado era o explicativo e só. Logo cogitamos a possibilidade de fazemos uso de recursos que nos ajudasse na transmissão, dos conteúdos: datashow, filme, música. No entanto, nossas aulas foram mais expositivas dialogadas, procuramos ao máximo estabelecer uma relação em que vigorava a troca de conhecimento, e sentimos que houve interação por parte de alguns alunos. Mesmo trabalhando temas que remetem a tempos longínquos, buscamos estabelecer uma relação com as práticas atuais que representam resquícios dessas civilizações, a aproximação dos mesmos com os conteúdos facilitou a participação durante as aulas.

Os conteúdos que foram por nós ministrados compreendiam o Módulo I da disciplina, que como já citamos compreende: *As Antigas Civilizações, Egito, Mesopotâmia e Fenícios*. É de fundamental importância para classe estudantil entender a formação das civilizações/sociedades antigas, bem como suas contribuições para a sociedade atual. Mostramos durante nossas explicações que todas as civilizações antigas deram sua contribuição para o mundo atual, e como exemplo, lembramos os sistemas de irrigação, a matemática, a astrologia, a criação do alfabeto, agricultura e etc.

Na apresentação desses contextos empregamos uma metodologia com aula expositiva dialogada, onde, ao ponto em que ministrávamos os conteúdos relacionávamo-los com a realidade do alunado, exemplificando com aspectos mais próximos de sua assimilação, por exemplo, quando o assunto fora o Egito destacamos a agricultura que é o meio de sobrevivência ainda nos dias atuais da população rural, se pensarmos no lado financeiro e na sociedade como o todo, já que é à base da subsistência humana. Montamos um esquema na lousa, onde ao passo que pontuávamos o assunto exemplificávamos aspectos egípcios que se detinham da religião politeísta, organização social hierárquica e o costume de enterrar seus faraós com seus objetos mais preciosos. Já quando começamos a falar sobre a Mesopotâmia frisamos o que representava o povo antigo em sua evolução que resultou no desenvolvimento da sociedade, sistema de irrigação, matemática e escrita cuneiforme. Para essa aula fizemos uso de um *slide*, mas, não abrimos mão de um esquema que dessa vez, fora digitado e entregue aos presentes, ambos identificavam, o significado do nome Mesopotâmia (terra entre rios), suas principais cidades, abrindo destaque para a escrita, religião, astrologia e matemática.

⁵ SANTOS, Jucian Sousa Santos. **Educação e Diversidade. Ensino Médio Paraíba**. Rev. História Ciências Humanas e suas tecnologias. Módulo I. Soler Edições Pedagógicas LTDA.

Quando pensamos na explanação de Fenícios nos aguerrimos as navegações, tendo em vista que nossa ideia era conhecer a cultura fenícia e demonstrar que eles eram povos navegantes que tinham o desejo de adentrar o desconhecido e assombroso mar azul, desse modo comercializavam seus produtos. Lembramos também que a invenção do alfabeto fora fenícia e com a turma em circulo discutimos a cerca do tema seguindo a esquematização planejada. Pudemos perceber as mais diversas abordagens, vagas lembranças do que havia sido ensinado pelo professor (a) de história ainda no ensino fundamental. A partir da leitura de livros didáticos⁶ [re] elaboramos um texto/ roteiro de modo a ser entendido de forma mais sucinta o tema proposto, deste fizemos uma leitura compartilhada em classe.

Dessa perspectiva, a experiência das oficinas didáticas foi alçada ao momento de vislumbrar o novo e o imprevisível, o “monstruoso” e o diferente universo da sala de aula, a partir das mesmas aprendemos desde o planejamento das aulas até a prática, as elas nos dimensionaram as peculiaridades de uma sala de aula seja pela prática enquanto professor, pelo contato com os alunos e/ ou pela aprendizagem quanto aos assuntos discutidos. A prática da regência é de imensurável importância para a formação profissional de educadores no campo de ensino e, mesmo acadêmico enquanto futuros historiadores e profissionais do ensino histórico, uma vez que começamos desde então a adquirir experiência para podermos posteriormente estar em sala de aula, agora não mais como estagiários, mais como professores.

Para tanto, a regência enquanto oficina tem por finalidade permitir o estagiário conhecer a realidade da turma observada e as dificuldades pelos alunos apresentadas com relação ao ensino de História, assim como nos colocar em contato com o campo ao qual exerceremos nossa profissão, para que dessa forma possamos contribuir na formação de cidadãos críticos por meio do processo de ensino-aprendizagem, sendo esse o nosso principal objetivo no estágio e na caminhada pós-formados.

⁶ ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda História**. História Geral e História do Brasil. 13ª Edição. Editora: Ática, 2009.

4 RELAÇÃO – ESTÁGIARIOS, ESCOLA, ALUNOS E PROFESSOR REGENTE

Podemos dizer que foi a partir da experiência obtida com a regência-oficina proposta pela disciplina de ESO I, coordenada pelo professor Flávio Carreiro de Santana na academia, que percebemos como a relação professor – aluno torna-se difícil enquanto prática. No momento em que chegamos ao campo de docência não nos foi proporcionado quase nenhum contato prévio com o professor e com alunos da classe que iríamos estagiar, porém, é válido ressaltar a importância da regência para conhecimento prévio - prático da sala de aula como espaço de trabalho para o estagiário, que tornar-se-á professor.

Essa mesma relação foi construída na prática cotidiana do estágio, algo que mostramos ao longo de nosso relatório, quando procuramos em nossas aulas-oficinas relacionar as Antigas Civilizações de *Egito, Mesopotâmia e Fenícios* com aspectos da sociedade atual, para uma melhor compreensão por parte dos alunos e um melhor desenvolvimento da aula. Partimos dessa inter-relação para que a participação e a interação durante o período da regência possibilitasse a construção dessa interação professor-aluno de forma substanciada; buscamos fazer com que os mesmos [re]conhecessem a partir das atividades peculiares dessas sociedades como agricultura, sistema de irrigação, atividades comerciais, desenvolvimento da escrita, navegações e etc., peculiaridades estas que também fazem parte de seu cotidiano. Dessa maneira executando, de certa forma, o ofício de historiador que, “não se trata de investigar o passado através da memória, mas de procurar compreender o presente a partir das reconstruções que são feitas do passado...” (SANTOS 2003). O nosso objetivo foi o de compreender o passado a partir do conhecimento prévio acerca dos conteúdos ministrados e colocados pelo professor regente (que na ocasião éramos nós estagiários), daí resgatamos as memórias coletivas temáticas dos nossos alunos e nos reportamos, junto com eles, para o universo dos acontecimentos inter-relacionados com os conteúdos que estávamos ministrando, fossem eles individualizados ou não, pois:

"A história interessa-se por acontecimentos individualizados dos quais nenhum é a inútil repetição do outro, mas não é a sua individualidade enquanto tal que a interessa: ela procura compreendê-los, isto é, reencontrar neles uma espécie de generalidade ou mais precisamente de especificidade" (LE GOFF, 2003, p. 31).

Em tais construções nossa perspectiva, enquanto regentes, foi à tentativa de fazer perceber que os conteúdos de História, como os que relacionamos acima, não estavam apenas

situados em um passado longínquo com conexões apenas em uma cultura do passado, a relação pretendida foi de fazer perceber que tais construções/reconstruções do passado serviriam como suporte prático e ideológico das ações diárias por eles praticadas e visualizadas, de modo a não ficarmos avulsos ao assunto pretendido, mas, fazendo uso do conhecimento por eles já obtidos para que dessa forma pudéssemos melhor discutir Egito, Mesopotâmia e Fenícios conteúdos referentes ao 1º ano C (EJA). Partindo dessa ideia a memória seria coletiva (entramos em um diálogo de perguntas, respostas e opiniões) enquanto historiadores, estimulamos lembranças vividas pelos indivíduos (nas conversas/ atividades diárias) e também pelas séries anteriores em que os mesmos frequentaram no espaço escolar, já que como diz Le Goff: “O historiador, (...) deve criar seu próprio quadro para avaliar os acontecimentos de que trata; ele deve fazer uma reconstrução imaginativa do que, por natureza, não era real, mas estava contido em acontecimentos individuais. (LE GOFF, 2003, p. 117-118)”

No que diz respeito a preparar aulas e ministrar conteúdos para educação de jovens e adultos nos arremete pensar nas especificidades etária e cultural a qual os alunos estão inclusos, o grupo era heterogêneo. Como reconhecemos o período ao qual fomos possibilitados a trabalhar, o noturno, não diferente da nossa realidade, muitos dos alunos trabalhavam durante o dia e estudavam a noite o que dificultava em parte sua participação ativa na escola. Neste grupo encontramos cidadãos “provenientes das áreas rurais mais empobrecidas, filhos de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar” (RIBEIRO, 2001, p. 16) assim como também aqueles que tem alguma instrução escolar mas que pretendendo findar logo o ensino básico matricularam-se no programa. Todavia vale ressaltar que em meio às aulas propostas pela regência conseguimos notar interesse por parte de uma parcela significativa dos estudantes em aprender e participar das discussões e temas propostos, dessa forma nossas aulas transcorreram de modo a trocarmos experiências e conhecimentos, transmitimos os conteúdos a nós proporcionados na academia, assim como no livro ao qual optamos para uso na preparação das aulas.

No que se refere ao contato que tivemos com os alunos do 1º ano C (EJA), a relação de troca de conhecimentos, ensino-aprendizagem, prática docente e espaço escolar transcorreu de modo satisfatório para nós estagiários enquanto futuros professores, a experiência nos foi gratificante.

Agora, no que se refere ao contato entre nós estagiários e o professor regente da disciplina de História, a relação foi “básica”, nos vimos no dia em que nosso professor orientador nos levou a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo e nos apresentou ao suposto professor ao qual estagiaríamos em sua turma. Em princípio ele nos recebeu bem, mas já no primeiro encontro, por parte do professor que por formação tem a advocacia nos foram apresentados os percalços da não relação que tivemos com o mesmo. Quando perguntamos sobre sua sequência de aulas e quais assuntos deveríamos planejar e aplicar para seguirmos uma cronologia e darmos continuidade aos conteúdos já aplicados ele nos disse que poderíamos escolher aqueles que melhor nos adequássemos, depois quando perguntamos qual livro didático era usado ele nos apresentou uma revista anteriormente já citada com os assuntos bastante sucintos e com pouca explanação dos conteúdos propostos ao ensino de História referente ao 1º ano médio.

No nosso primeiro contato com a turma, já na oficina-pedagógica, o professor não se fez presente, a regência aconteceu apenas entre nós estagiários e os discentes. Antes de começarmos a aula nos dirigimos à direção da escola que nos informou que já havia entrado em contato com o mesmo e ele disse que nós estagiários estávamos liberados para darmos seguimento ao estágio sem sua presença. Lembro-me que na ocasião, ao termino da primeira regência entramos em contato com o professor Flávio Carreiro de Santana, nosso orientador na regência e o informarmos do fato ocorrido, ele entrou em contato com a direção e com o docente e posteriormente em nossas aulas, o professor-advogado se fez presente. Fez-se de corpo presente, não se posicionou nas discussões, não questionou aos alunos, nem a nós e chegou ao ponto de em nossa última oficina dizer que caso quiséssemos poderíamos ficar até o final do ano que ele acharia ótimo.

Mas, vejam só, quando estamos na academia, nossos professores de quaisquer das disciplinas, sempre nos deixam claro a importância do planejamento, o quão válido é estar bem preparado para a sala de aula o quanto “é preciso afirmar-se como educador(a) escolar para não se deixar perder a identidade profissional - que, por sua vez, exige formação contínua, compromisso ético, consciência profissional e motivação para esse trabalho.”⁷

Apesar dos empecilhos, com o horário proposto (primeiras horas aula da noite), já que tivemos que nos adequar por morarmos em outras cidades que não Guarabira – PB, e a

⁷ MOITA, Filomena Ma. G. S. Cordeiro. – UEPB / UFPB, ANDRADE, Fernando César B. – UFPB. O saber de mão em mão: A oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. GT: Educação Popular/ nº 06. p. 04.

não “colaboração” do professor regente da turma, as oficinas-pedagógicas nos proporcionaram nossos primeiros contatos com o campo de trabalho da docência, nos inteiraram enquanto teoria que surge como uma necessidade para esclarecer a prática. São de suma importância para a dinamização do processo de ensino-aprendizagem por sua disposição as inúmeras possibilidades e flexibilidades de troca e absorção de conhecimento dentro do campo escolar, as aulas mediante esse contexto se dispõem a ousar e usar do pensamento e opiniões críticas do saber transmitido, dessa forma aprendemos juntos alunos e estagiários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Libâneo, ao aludir sobre educação, o mesmo tece o seguinte comentário:

A educação corresponde a toda modalidade de influência e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter implicando uma concepção de mundo, ideias, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática (LIBÂNEO, 1994, p. 26).

No decorrer do estágio, identificamos esses fatores em tempo real, pois ante os alunos em classe percebemos a dimensão de inter-relações que estão contidas no espaço escolar, alguns alunos gostam da área de exatas, outros se identificam melhor com a área de humanas, no entanto nosso dever como profissionais da educação é esta sempre atento as novas didáticas e metodologias de ensino que melhor se adequam e causam interesse em aprender por parte dos alunos em quaisquer das áreas do saber. Lecionar é um grande desafio, pois, temos que estar aptos as mais diversas possibilidades e impossibilidades que o campo de ensino escolar nos proporciona e virá a nos proporcionar. A educação sempre aventura-se na ousadia da renovação dos conceitos, do aprimoramento das ideias quase que sempre bem sucedidas na transmissão do saber nas mais diversas disciplinas, desse modo, devemos ter como principal objetivo a difusão do conhecimento por nós adquirido na academia no entrelace das diversas disciplinas intrínsecas no estudo da história e das práticas pedagógicas.

Quando estivemos a frente do 1º ano C (EJA) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo, nítida era a falta de inovação das

temáticas e metodologias nas aulas de História, o professor era uma espécie de distribuidor de informações, falava e falava, distribuía mais não transmitia, nem informava, deixando em evidencia a falta de dialogo entre docentes e discentes, fator que refletia na pouca e/ ou não aprendizagem e troca de saber quanto aos conteúdos, a convivência de classe e a inteiração com a escola. Enquanto acadêmicos sempre nos foi ensinado e discutido que as práticas pedagógicas devem levar o alunado ao raciocínio lógico e principalmente crítico, fazê-los sujeito social produtor do coletivo, ou seja, nossa função educacional passa pelos conteúdos didáticos, mas também pelo aguçamento de novas indagações, curiosidades que os levem a questionar os modelos educacionais que reforçam o conservadorismo, que se prendem ao conteúdo didático como uno e verdadeiro.

O Estágio Supervisionado enquanto oficinas-pedagógicas nos disponibilizaram um imenso aprendizado mediante o espaço escolar, o mesmo nos esclareceu o quão gratificante e árduo é o trabalho do profissional da educação. Gratificante porque quando preparamos as aulas, minuciosamente nos apegamos às peculiaridades dos assuntos de modo a conseguirmos nos aproximar dos alunos por meio do interesse em questionar e discutir o contexto, árduo porque nos apresentou os percalços da não preparação das aulas e a não preocupação em fazer o aluno a aprender com raciocínio lógico e crítico, incluindo-se como agente partícipe da sociedade a qual pertencemos.

Diante do que acabamos de mencionar, durante o estágio tivemos que entender, aprender e nos adequar a tarefa de educar, percebendo que é de fundamental importância nossa preparação para ações que serão decorrentes dos assuntos por nós transmitidos, mas, também absorvidos, já que durante nosso estágio intuímos para a percepção de que no âmbito escolar, professores e alunos trocam os mais diversos níveis de conhecimento e aprendizagem que serão vivenciados pessoal e profissionalmente.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda História**. História Geral e História do Brasil. 13ª Edição. Editora: Ática, 2009.

CUBERES, M. T. **El Taller de los Talleres**. Buenos Aires: Ed. Estrada, 1989.

LE GOFF, Jacques. História. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª edição. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEAL, Regina Barros. **Planejamento de ensino: Peculiaridades significativas**. Revista Iberoamericana de Educación. 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática do Professor**. Editora: Cortez, 1994.

LOCH, Jussara Margareth de Paula. **EJA planejamento, metodologia e avaliação**. 1ª edição. Porto Alegre, RS: Editora Mediação, 2010.

MOITA, Filomena Ma. G. S. Cordeiro. – UEPB / UFPB, ANDRADE, Fernando César B. – UFPB. **O saber de mão em mão: A oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública**. GT: Educação Popular/ nº 6

RIBEIRO, Elziane Tainá Lunardi. **Avaliação Escolar: Desafios e Perspectivas**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria, RS – Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria UFSM.

RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Educação de jovens e adultos: novas leituras**. Campinas, SP: Mercado das letras; São Paulo: Ação Educativa 2001, p. 16.

RIBEIRO, Vera Masagão. (org). **Educação de jovens e adultos: novas leituras**. Mercado das letras; São Paulo: Ação Educativa 2001.

SANTOS, Jucian Sousa Santos. **Educação e Diversidade. Ensino Médio Paraíba**. Rev. História Ciências Humanas e sua tecnologias. Módulo I. Soler Edições Pedagógicas LTDA.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **História e Memória: o caso do Ferrugem**. Rev. Bras. Hist. vol.23 no.46 São Paulo 2003.

SCHULTZ, Monica Badaraco de. **EL taller, es o se hace?**. Buenos Aires: Magistério del Rio de La Plata, 1991.

ANEXO

MAPA CONTEXTUAL

